

DAL TEVERE AL TAGO

Música ao gosto italiano para a Orquestra
da Real Câmara no tempo de D. João V

REALCAMARA
BAROQUE ORCHESTRA



REALCAMARA
BAROQUE ORCHESTRA



www.realcamara.com
orquestra@realcamara.com

REAL CÂMARA

A Real Câmara é uma orquestra portuguesa dedicada à interpretação historicamente informada, com especial enfoque no repertório setecentista português, e nas suas ligações a Itália.

Fundada por intérpretes portugueses com formação específica na área da música antiga, e que desenvolvem uma actividade profissional regular em agrupamentos de renome europeu, a Real Câmara centraliza e potencia um trabalho que já vinha sendo realizado por vários dos seus membros, desde há vários anos e em contextos paralelos, com o maestro Enrico Onofri, sempre com grande empatia e partilha artísticas.

A recuperação de património musical, identitário da abordagem musical de cariz histórico, é parte integrante dos percursos de vários dos membros da orquestra — dois deles doutorandos em musicologia histórica — sendo este vínculo com a historiografia musical reforçado pela colaboração com outros musicólogos especializados no século XVIII português, entre os quais se destaca a consultora científica da Real Câmara, Doutora Cristina Fernandes. Nesse sentido, é dada particular atenção ao alargado espólio da Biblioteca da Ajuda, assim como ao de outros arquivos nacionais e internacionais, como a Biblioteca Nacional de Portugal, ou o Arquivo da Fábrica da Sé Patriarcal de Lisboa, onde é mantida uma grande quantidade de obras que não conheceram ainda execuções modernas. A colecção de música vocal da Biblioteca da Ajuda ocupa um lugar de destaque, assim como várias

obras sacras de tradição especificamente portuguesa que têm sido negligenciadas até à data.

A Real Câmara pretende explorar as importantes ligações musicais entre Portugal e Itália, para onde foram estudar várias gerações de bolseiros portugueses — para Roma, no reinado de D. João V, e para Nápoles, nos reinados de D. José I e de D. Maria I — como Francisco António de Almeida, João Rodrigues Esteves, António Teixeira, João Cordeiro da Silva, Jerónimo Francisco de Lima, João de Sousa Carvalho e Marcos Portugal. De Itália chegaram a Portugal inúmeros grandes compositores que por aqui trabalharam — como Domenico Scarlatti, Emanuele D’Astorga, Rinaldo Di Capua e Giovanni Bononcini — ou que aqui mesmo se fixaram — como os Avondano, Giovanni Giorgi, Gaetano Maria Schiassi e Davide Perez. Será dada ainda especial atenção a músicos que escreveram obras para a corte portuguesa e para os seus embaixadores, como Alessandro Scarlatti, Nicola Porpora e Niccolò Jommelli.

Paralelamente à divulgação do trabalho desenvolvido no contexto nacional, a orquestra tem entre os seus objectivos principais a divulgação internacional do seu trabalho e do património imaterial português, regendo-se por padrões musicais de alto nível. Este processo passa pela edição fonográfica de repertório português por revelar do século XVIII, assim como pela participação no circuito internacional de concertos e festivais dedicados à interpretação historicamente informada.

DAL TEVERE AL TAGO

Música ao gosto italiano para a Orquestra da Real Câmara no tempo de D. João V

*“Real Cittade, e il nome da Ulisse prenderá, chiara, e famosa;
quivi la maestosa sede del Lusitano Impero!”*

Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio – Palácio Real da Ribeira, Lisboa – 1731

Lisboa no final do século XVII mantinha-se muito afastada da vida cosmopolita das outras capitais europeias, mesmo sendo uma das mais populosas cidades do seu tempo. Será apenas nos reinados de D. João V (rei de 1706 a 1750) e do seu filho D. José I (rei de 1750 a 1777) que Lisboa se transformará progressivamente numa metrópole moderna e desenvolvida. D. João V, todo-poderoso devido à afluência do ouro e dos diamantes do Brasil que encheram os cofres do Palácio da Ribeira, sonha agora com os esplendores da Roma papal e da Versalhes de Luís XIV. Em Lisboa renova-se e aumenta-se o Palácio Real, constrói-se a nova Capela Real, elevada à categoria de Catedral de «Lisboa Ocidental» e Basílica Patriarcal (dignidade apenas comparável no Ocidente a Veneza e à própria Roma), elevam-se palácios e igrejas e não se descuram as obras públicas. Percebendo a importância da religião na sociedade portuguesa, e apaixonado pelo fausto do cerimonial litúrgico, D. João V interessa-se especialmente pela música sacra. Envia para Roma jovens e talentosos músicos, tais como Francisco António de Almeida (1703-1754), António Teixeira (1707-1774) e João Rodrigues Esteves (ca.1701-1752), para estudarem com os mestres italianos. Nesse tempo, Roma era ainda um dos grandes centros musicais da

Europa, graças sobretudo ao mecenato dos cardeais Colonna, Pamphili e Ottoboni, do marquês Ruspoli e da rainha Maria Casimira da Polónia. Todos eles eram membros da celeberrima Accademia dell’Arcadia, tal como o próprio D. João V — que generosamente pagou a edificação da sede da Accademia, o belíssimo Bosco Parrasio — e os embaixadores de Portugal, como o marquês de Fontes. Francisco António de Almeida (1703-1754) compôs obras em estilo arcádico, primeiro em Roma para a embaixada portuguesa e, já em Lisboa, as primeiras óperas portuguesas — em língua italiana — e várias serenatas de corte, entre as quais se destaca *Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio*, cantada no Palácio Real da Ribeira em 1731, e que culmina com louvores a D. João V. Apresenta-se aqui uma ária desta obra, em primeira audição moderna.

Os embaixadores do «Fidelíssimo» Rei de Portugal, enquanto principais mecenas romanos, encomendaram, quer para a embaixada em Roma, quer para a Capela Real, saraus e teatros de Lisboa, obras a notáveis compositores. Entre eles, Francesco Gasparini (1661-1727), Nicola Porpora (1686-1768) — de quem escutaremos um precioso concerto para violoncelo e orquestra —, Leonardo Leo (1694-1744), Alessandro Scarlatti (1660-1725)

e o seu filho Domenico Scarlatti (1685-1757). Este último, mestre de capela em S. Pedro, no Vaticano, será finalmente contratado para a corte de Lisboa, juntamente com Giovanni Giorgi (ca.1700-1762), mestre de capela de S. João de Latrão, bem como muitos outros músicos afamados. A rainha D. Maria Ana foi a principal responsável pela revitalização da música profana na corte, estabelecendo o costume das grandes celebrações musicais por ocasião de aniversários, onomásticos, casamentos e baptizados reais, e instituindo saraus e bailes regulares nos seus aposentos, aos quais concorria a melhor nobreza nacional e os embaixadores estrangeiros. Em Lisboa, Scarlatti escreveu sobretudo serenatas para a corte — a Sinfonia hoje escutada terá sido composta como andamento introdutório de uma destas obras — mas a sua fama reside hoje sobretudo na sua imensa produção de sonatas para cravo, todas elas compostas para a sua real pupila, a princesa Maria Bárbara de Bragança, filha de D. João V e de D. Maria Ana. Scarlatti irá segui-la, em 1728, para Espanha, mas a sua colecção de sonatas publicada em Londres em 1739, os célebres *Essercizi per Gravicembalo* serão dedicados ao rei português. As trinta obras fizeram furor em toda a Europa e o compositor inglês Charles Avison (1709-1770) arranhou vinte e três delas para orquestra — arranjos que foram publicados em 1744 sob a forma de doze *concerti grossi*. Menos famoso hoje, mas importantíssimo para a história da música portuguesa é Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?), violinista genovês naturalizado português, que foi o líder da orquestra da Real Câmara no tempo de D. João V. Também as suas obras foram conhecidas e apreciadas no estrangeiro, como os cativantes

divertimentos para cordas que se preservam hoje em Munique. Atraídos por este novo e florescente centro musical, acorreram a Lisboa muitos músicos de grande prestígio internacional. Gaetano Maria Schiassi (1698-1754), exímio violinista, como se comprova na sua colecção de doze concertos para violino, foi o director do primeiro teatro de ópera público em Lisboa, a Academia da Trindade. Para essa sala, o grande Giovanni Bononcini (1670-1747), rival de Händel em Londres, compôs a sua ópera séria *Farnace*, estreada no Carnaval de 1735, e da qual se escuta hoje a única ária conhecida que sobreviveu. O napolitano Rinaldo di Capua (ca.1705-ca.1780) foi outro famoso compositor que residiu alguns anos em Lisboa, tendo aqui composto pelo menos três óperas, das quais se conservou *Catone in Utica*, ainda que incompleta. Foi estreada no Teatro da Rua dos Condes, em 1740, e dela se recupera hoje uma ária, assim como um outro excerto de um dos seus posteriores sucessos, a ópera *Adriano in Siria*, composta em Roma em 1758. Ambas as partituras se encontram, felizmente, preservadas na Biblioteca do Palácio da Ajuda, embora a maior parte das obras de todos estes autores tenha desaparecido no malogrado terramoto de 1755, que destruiu quase completamente a cidade de Lisboa. Graças ao intenso trabalho de investigação levado a cabo nos últimos anos, tem sido possível resgatar alguns verdadeiros tesouros, como os que são agora dados a ouvir, que comprovam a vitalidade da música em Portugal durante o reinado do «Rei Magnânimo».

Fernando Miguel Jalôto

PROGRAMMA

Charles Avison (1709-1770) /

Domenico Scarlatti (1685-1757)

Concerto Grosso n.º 6

Largo

Con furia

Adagio

Vivacemente

(1744, Londres. *12 Concertos [...] Done from
2 Books of Lessons for the Harpsichord Composed
by Sig. Domenico Scarlatti*)

Francisco António de Almeida (1703-1754)

“Ogni fronda chè mossa dal vento”

Ária de Calipso da Serenata

Il Vaticinio di Pallade, e di Mercurio

(1731, Lisboa. *Biblioteca Nacional de Portugal*)

Nicola Porpora (1686-1768)

Concerto con Violoncello obbligato e Violini

Largo

Allegro

Adagio

Allegro

(ca. 1732, Bolonha. *Biblioteca del Archivio di Stato*)

Rinaldo di Capua (ca.1705-ca.1780)

“Nacqui agli affani in seno”

Ária de Emilia do Dramma per Musica

Catone in Utica

(1740, Lisboa. *Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda*)

Gaetano Maria Schiassi (1698-1754)

Concerto I à violino principale

Allegro

Largo

Allegro

(1737, Amesterdão. *XII Concerti à violino primo
principale [...]*)

Giovanni Bononcini (1670-1747)

“Mio sposo t’arresta”

Ária de Tamiri do Dramma per Musica Farnace

(1737, Paris. *Bibliothèque Nationale de France*)

Pedro Jorge Avondano (1692-ca.1755?)

Divertimento I

Largo

Fuga: Allegro

Largo

Allegro

(1748, Munique. *Bayerische Staatsbibliothek.
Divertimenti a due violini e bassi*)

Domenico Scarlatti (1685-1757)

Sinfonia

Presto

Adagio e staccato

Allegrissimo

(Paris. *Bibliothèque Nationale de France*)

Rinaldo di Capua (ca.1705-ca.1780)

“Tutti nemici e rei, tutti tremar dovete”

Ária de Adriano do Dramma per Musica

Adriano in Siria

(1758, Lisboa. *Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda*)

REALCAMARA
BAROQUE ORCHESTRA

